

CANCUN: “DAY AFTER”

Luiz Carlos Corrêa Carvalho (Caio)

caio@canaplan.com.br

Em anos e anos de negociações internacionais visando a abertura dos mercados parece que o Brasil encontrou, em Cancun, um caminho com mais efetiva forma de pressão,,,,,, assumiu a liderança dos países espoliados, com a dignidade que queremos de uma das maiores economias do mundo mas que tem graves problemas psicológicos a resolver: diagnosticado como “deitado eternamente em berço esplendido”, rejeitado por Portugal e dominado pela língua inglesa, roubado em minas e madeiras, o país se tornou “alcoólatra e perdulário” por séculos a fio..... caiu, a pouco tempo, no “real” e, aos poucos, percebeu que seus saldos comerciais somente existiam por sua agricultura competitiva, tipo talento nato que a natureza deu ao país por ser tão lindo.... afinal, é isso mesmo....

Nossos negociadores externos, curados de sua até então insistente postura de país de primeiro mundo enfrentaram os poderosos criando o chamado Grupo dos 22, com a enxada e a canção, frutos das origens desse interior brasileiro de raízes profundas, onde “joão de barro” constrói suas casinhas de terra escura, onde as flores do linho, do algodão, as cheirosas flores da laranjeira, o mel da seringueira, mais milhares de outras árvores e bichos trazem o homem urbano às suas raízes. Seus sapatos, roupas e perfumes, passeando sobre pneus de borracha e combustível renovável, em bancos de couro e em painel de madeira, são frutos desta agropecuária que sofre a nefasta proteção dos países ricos aos seus opulentos agricultores, estes sim, deitados em berço de sedas que se rasgam pelo longo tempo de dominação e desrespeito..... Nosso atual Ministro da Agricultura luta, há anos, para que a “ficha” do habitante brasileiro das cidades caia e que ele perceba isso.....

Nossas discussões se fazem com o nosso cacife de um grande mercado interno e a liderança na América do Sul. No entanto, quando não sofremos com as nossas próprias dificuldades de enfrentar o que nos oprime, nossos parceiros do Mercosul se posicionam contrários a nós..... é triste!

O dia seguinte de Cancun foi um misto de surpresa positiva do destaque Brasil e, por outro lado, a desilusão de uma estagnação total que não interessa aos pobres. Frases como “melhor nada que o pior” refrescam a nossa memória sobre o que foi Cancun. Na

seqüência, em Trinidad-Tobago, a Colômbia se retira do “Grupo dos 22”, a Venezuela e o Uruguai se posicionam na linha dos EUA e o Brasil fica a ver navios..... é triste!

Com quem o Brasil discute, encontra posições diferentes e complexas, com relações bilaterais a mais variadas. Enquanto isso o Brasil busca algumas importantes aproximações comerciais com China, Índia, Rússia, África do Sul e México que, juntos, poderiam fazer tremenda diferença.

O tema das relações internacionais pesam demais ao Brasil, especialmente para a agroindústria. Nesse campo, o que temos visto? São barreiras as mais variadas de acesso aos grandes mercados, que acabam gerando internamente os seus excedentes que deprimem os preços, com subsídios no valor de US\$ 1 bilhão por dia! Até quando?? Somente após 2006 se poderão ver mudanças efetivas?

O Mundo vive desde 2001 a visão retratada há dez anos atrás pelo “Relatório de Desenvolvimento Humano”, apresentado em 1993: “a verdadeira ameaça para as próximas décadas é a pobreza global que começará a viajar; sem passaporte, de muitas formas incômodas: drogas, doença, terrorismo, refugiados e migração. A pobreza em qualquer lugar é uma ameaça à prosperidade em toda parte”.

Mesmo assim, está sendo mais fácil usar o canhão do que a negociação. Em verdade, somente se vê o recrudescimento dos países com dificuldades de desenvolvimento em relação aos países ricos, mesmo que seja correta a análise de que a abertura dos mercados melhorou a distribuição de renda. Mas abertura de quais mercados? Dos pobres?

Nesse estado de coisas, dificilmente se verá líderes dos países desenvolvidos abrirem espaço com discursos de abertura. Aí, sim, o momento do Presidente Lula à frente de blocos que dêem continuidade à pressão de Cancun, para a abertura dos mercados aos produtos de origem agrícola.

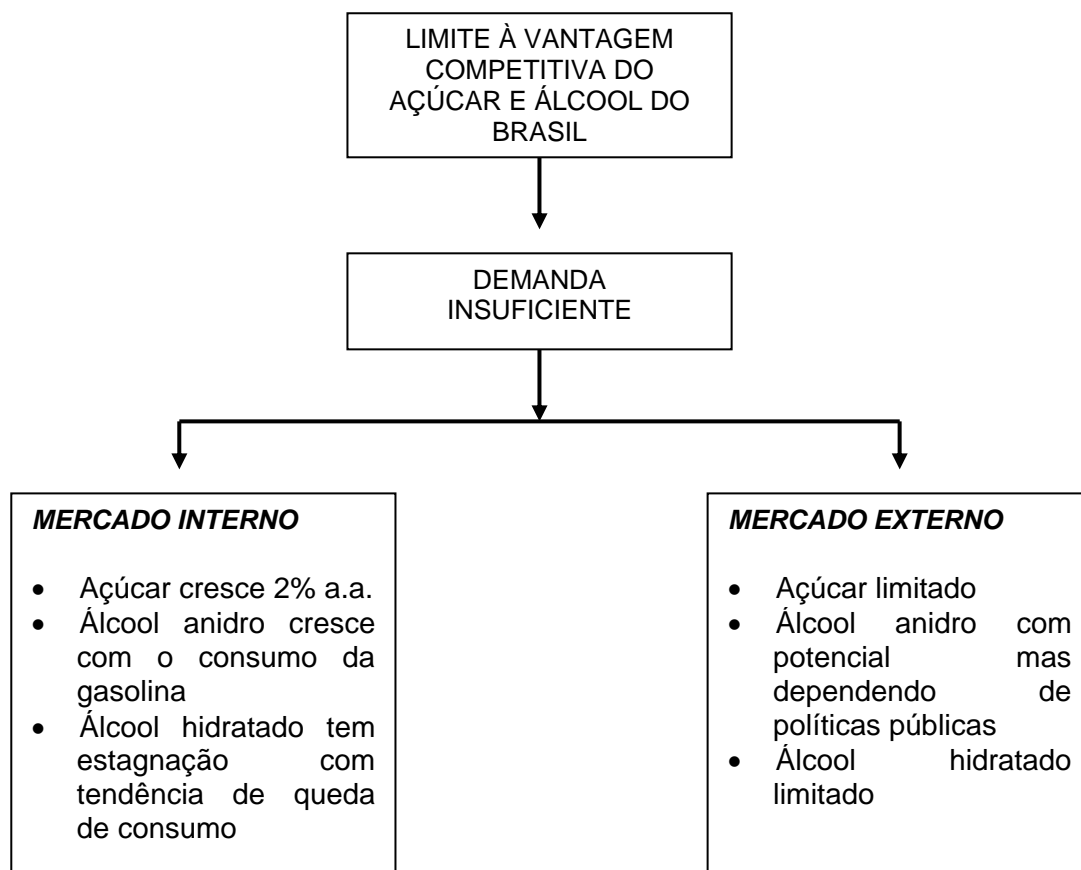
Há, para o Brasil, as teses de fechar, proteger, ou abrir seus mercados e buscar a competição. O Brasil optou pela segunda linha mesmo tendo sofrido e ainda lutando com produtos sensíveis e com as proteções externas. A opção foi a do atendimento ao consumidor brasileiro e a luta externa por abrir mercados. Embarcar na ALCA de todos ou na ALCA dos EUA é, por exemplo, uma posição clara do Brasil, que tem lutado na lógica de todos, ou seja, como participante e não como mero coadjuvante. Buscar um acordo

com a União Europeia, como Mercosul, é outra discussão que depende, no entanto, de arrumar o Mercosul.

Qual a real importância disso, por exemplo, para a agroindústria da cana-de-açúcar do Brasil?

Em primeiro lugar, a capacidade competitiva dessa agroindústria brasileira é inegável..... são 2,5 vezes menores os custos brasileiros que a dos norte-americanos e 4 vezes menor que os dos países europeus; a evolução da cana-de-açúcar no Brasil, face a sua excelente adaptação, mostra crescimento constante, independentemente da situação do mercado; chega-se, assim, à realidade de um mercado interno que cresce abaixo da oferta de cana, que, por outro lado, mostra um peso de cerca de 35% do açúcar no mercado livre internacional; já o álcool tem um mercado interno instável e sem crescimento e um mercado internacional incipiente e iniciante, além de altamente protegido.

O esquema a seguir procura caracterizar isso:



Á análise do ponto de vista do curto prazo mostra que ainda é no mercado interno onde há esforços efetivos a serem empreendidos, abrindo demanda para o álcool hidratado. Para o médio prazo, o mercado externo será o fator principal de crescimento da demanda, tanto para o açúcar como para o álcool.

Os esforços para a abertura de mercado aos produtos da agricultura energética, tem um sinal extremamente importante para a abertura de mercado à agricultura de alimentos. Esse é um ponto de extrema relevância para as negociações do Brasil no sentido do maior acesso aos mercados hoje fechados:

- 1) A expectativa do Protocolo de Kyoto, e a necessidade de curto prazo dos países desenvolvidos em reduzir as emissões de CO₂ no setor transportes;
- 2) A luta dos países em reduzir a sua dependência externa de energia importada ou, na lógica da diversificação das suas fontes de oferta em relação ao petróleo do Oriente Médio;
- 3) A questão do esgotamento do petróleo;
- 4) A questão da poluição das águas face o uso do MTBE na gasolina, em fase de banimento.

De uma forma efetiva, os grãos tem-se mostrado mais produtivos como agricultura energética nos países desenvolvidos (trigo; colza; soja; milho) e a cana e a soja nos países tropicais; o uso da produção dessas culturas para álcool e biodiesel abrem espaço naqueles mercados para esses produtos brasileiros, além de abrir perspectivas de exportação aos energéticos renováveis do Brasil.

É óbvio que isso demonstra a necessidade de uma maior pragmatismo de diplomacia brasileira e a continuidade dos esforços do setor privado brasileiro na ampliação das suas vantagens competitivas, além de políticas públicas condizentes aos produtos da agricultura energética do Brasil. É sempre bom lembrar que no dizer dos diplomatas, não há acordo bilateral entre a onça e a paca.....

Afinal, o que se procura nas reuniões internacionais é, na fala dos políticos atuais, a procura pelo desenvolvimento sustentável. A definição disso não é só a questão ambiental; vale, aqui, citar Henrique Rattner em seu "liderança para uma Sociedade Sustentável, 1999: *Desenvolvimento sustentável não é apenas um tratamento mais racional do meio ambiente e dos recursos naturais, mas, também, de meios mais éticos de promover a sobrevivência da humanidade e a coexistência pacífica, dando a todos*



uma oportunidade justa de participar na construção da sua comunidade e de uma sociedade solidária”.